



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CIRLENE GONÇALVES MENDES

**SALA DE AULA:
UM OLHAR A SER EXPLORADO**

CAJAZEIRAS - PB

2007

CIRLENE GONÇALVES MENDES

**S A L A D E A U L A:
UM OLHAR A SER EXPLORADO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Gerlaine Belchior Amaral.

CAJAZEIRAS - PB

2007



M538s Mendes, Cirlene Gonçalves.
Sala de aula: um lugar a ser explorado / Cirlene
Gonçalves Mendes.- Cajazeiras, 2007.
44f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

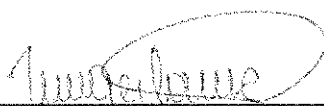
1. Planejamento de ensino. 2. Aulas - desinteresse de
alunos. 3. Conflitos - educando - educadores. 4.
Organização do ensino. I. Amaral, Maria Gerlaine Belchior.
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37.014.5

CIRLENE GONÇALVES MENDES

SALA DE AULA: UM LUGAR A SER EXPLORADO

Monografia aprovada em 10 de maio de 2007



Professora Ms. Maria Gerlaine Belchior Amaral (Orientadora)

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Cajazeiras - 2007

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimentos e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros amantes da sabedoria.

(Moacir Gadoti)

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

Dedico este trabalho com muita gratidão aos meus pais, que mesmo em épocas tão difíceis, contribuíram para a minha formação escolar.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CALAZEIRAS - PARAÍBA

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado forças e discernimento para concluir uma etapa tão importante em minha vida.

À Valdenes, meu marido, com muito amor e gratidão por toda sua dedicação durante a minha formação.

À Ms. Gerlaine, que incansavelmente colaborou para a concretização deste trabalho.

À todos os meus professores do curso de Pedagogia, que foram tão importantes na minha formação acadêmica.

Aos meus irmãos, por que sempre estivemos juntos na nossa trajetória educativa.

Aos alunos da 3ª Série, da E. M. E. I. F. Vitória Bezerra.

Aos professores do turno matinal da E. M. E. I. F. Vitória Bezerra.

À equipe, que compõe a E. M. E. I. F. Vitória Bezerra.

À equipe do SESC Cajazeiras, onde fui estagiária num período de dois anos e lá adquiri subsídios para complementar meu trabalho.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

RESUMO

A realização deste trabalho teve como objetivo principal investigar os fatores que levam os alunos a não gostarem das aulas, bem como, analisar em que medida os conteúdos e métodos de ensino influenciam ou não no interesse do aluno pela aula. Buscou-se então nesta pesquisa, observar, analisar e compreender os conflitos que parecem existir na sala de aula. O estudo realizado através de observações, entrevistas, questionários e intervenções práticas, permitiu melhor compreensão acerca dos conflitos que há entre educandos e educadores. A nossa pretensão com este trabalho é antes de tudo despertar a reflexão em todos aqueles envolvidos no processo educativo formal. A partir desta reflexão sobre os elementos que interferem direta ou indiretamente na aula, esperamos que as atitudes de mudanças sejam tomadas de acordo com as necessidades existentes no ambiente escolar. O nosso interesse é contribuir para que a sala de aula seja de fato um lugar de aprendizagem e ao mesmo tempo um lugar prazeroso. Acreditamos que o trabalho pedagógico pode contribuir para a transformação da sociedade, pois se defendemos uma educação articulada com a realidade social, logo, ela será instrumento capaz de transformar as desigualdades sociais, uma vez que, os alunos sairão da escola com melhores capacidades de exercerem seu papel de cidadão. Evidenciamos portanto, que fatores extra classe contribuem para existência de conflitos em sala de aula. Diante disso, demonstra-se que algumas providências podem ser tomadas pelo professor e assim melhorar sua prática docente. Entretanto existem certos fatores que interferem na sala de aula e não dependem apenas do professor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO	13
1.1 O Banco Mundial e sua história.....	13
1.2 A influência do Banco Mundial na educação brasileira	15
1.3 A organização do ensino de acordo com a LDB e o MEC	18
1.4 A estrutura Curricular em uma escola do município de Cajazeiras.....	19
2. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL.....	21
2.1 A função política do planejamento	21
2.2. O planejamento real na escola Vitória Bezerra em Cajazeiras	23
3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO	24
3.1 Caracterização da escola, campo de Estágio	24
3.1.1 <i>A estrutura pedagógica</i>	24
3.1.2 <i>Estrutura administrativa</i>	24
3.1.3 <i>Estrutura física</i>	24
3.2 As vivências na sala de aula	24
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
ANEXOS.....	40

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, do Campus de Cajazeiras - PB.

Esta pesquisa ocorreu na Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental Vitória Bezerra, localizada à rua Francisco Matias Rolim, no bairro Belo Horizonte, na cidade de Cajazeiras. A pesquisa de que trata esta monografia compreende o período fevereiro de 2005 à abril de 2007. A temática trabalhada foi, SALA DE AULA: um lugar a ser explorado .

Este trabalho teve como finalidade precípua investigar os fatores que levam os alunos a não gostarem das aulas, bem como, analisar em que medida os conteúdos e métodos de ensino influenciam ou não no interesse do aluno pela aula, Além dos objetivos mencionados pretendemos ainda observar melhor a trajetória do aluno em sala de aula para compreendermos como as relações acontecem neste espaço e assim desmistificar a expressão "Meus alunos não querem nada". Intencionamos com a socialização do mesmo proporcionar aos professores e profissionais envolvidos com os processos educativos uma reflexão a respeito do tema pesquisado.

Por se tratar de um trabalho de natureza científica, é inerente ao seu desenvolvimento a realização de uma pesquisa bibliográfica, que dê suporte teórico a tal investigação.

Para isto, selecionamos o material que serviu de fundamentação teórica. Em seguida, fizemos uma leitura e registramos o conteúdo sob a forma de fichamentos.

Além da realização da pesquisa bibliográfica, realizamos também uma pesquisa participante¹.

Como instrumento de coleta de dados usamos questionários com questões subjetivas para os professores e com os alunos as entrevistas aconteceram no momento das aulas, numa sala onde funciona a direção da escola.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

¹ Pesquisa participante caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com as pessoas pesquisadas.

Este tipo de pesquisa desmistifica a neutralidade em pesquisa. Pois, acreditamos que em tudo que é feito pelo ser humano existe a subjetividade.

Sendo assim, começamos observando uma sala de segunda série do Ensino Fundamental e registrando as nossas observações, e simultaneamente fazendo inferências.

Deste modo, fica evidente o nosso envolvimento com o objeto pesquisado. Ao mesmo tempo o objeto passa a ser sujeito da pesquisa.

O interesse em pesquisar as relações do aluno com a escola e com a sala de aula surgiu de nossas insatisfações, bem como nossas observações em boa parte da vida escolar.

Desde os tempos do Ensino Fundamental (à época denominado ensino primário) já percebíamos que havia um desinteresse dos alunos pelas aulas.

Muitos foram os momentos em que fugi da sala de aula em pensamentos, enquanto a professora trabalhava os conteúdos. Naquele tempo, não conseguíamos entender o que de fato acontecia, pois não conhecíamos as diversas relações que se processam entre o professor, o aluno e a aprendizagem.

Ficávamos imaginando as coisas que aconteciam fora da escola, e a nossa ansiedade era para que chegasse logo a hora do recreio.

No Ensino Médio as coisas não foram diferentes. Só após o término deste nível escolar é que o valor do estudo foi se evidenciando.

Ao entrarmos na universidade, deparamos-nos com uma visão distinta da que possuímos. Pensávamos que todos os alunos gostavam de estar na universidade e construir o conhecimento. Acreditávamos que o aluno estava no nível superior por escolha profissional própria e assim, certos problemas como o desinteresse pelas aulas não perpassavam com tanta frequência neste nível de ensino.

Mas, a realidade é bem diferente. Observamos as dificuldades que alguns professores universitários enfrentam para ministrarem suas aulas. O mais curioso é que a maioria dos

alunos que estão aqui na universidade já exercem a docência. E são esses docentes/discentes que mais reclamam do desinteresse dos alunos.

Sendo assim, percebemos a importância de conhecermos melhor este universo que é a sala de aula.

O nosso interesse com esta pesquisa é compreender os conflitos que parecem existir na sala de aula, como também oferecer a nossa contribuição para melhorar o espaço escolar, que o mesmo se torne um espaço agradável, não apenas fora da sala de aula e sim, torná-la um espaço desejado pelos estudantes, a nossa intenção é buscarmos subsídios para que os alunos não se sintam obrigados a se manterem na sala de aula só porque recebem bolsa escola ou esperam o lanche no recreio, mas sim, porque sintam a escola como um lugar agradável de aprendizagem e de significados para eles.

Com esta pesquisa intencionamos a aquisição de subsídios teóricos, capazes de instrumentalizar a nossa prática docente. Pretendemos ainda compartilhar o resultado do nosso trabalho com outros alunos e professores, a fim de que estes resultados possam interferir positivamente na prática escolar de ambos.

O desenvolvimento deste trabalho traz à tona muitas questões, com as quais nos defrontamos no cotidiano escolar e nem sempre temos a coragem de enfrentá-los. Por exemplo: se perguntamos aos alunos sobre a escola eles respondem *que gostam da escola, as aulas é que são chatas*.

Diante disso, poderíamos então fazer os seguintes questionamentos:

Quais os fatores que estão além da sala de aula, mas que a influenciam diretamente?

Em que medida, os planejamentos docentes consideram as aulas como momento de prazer e aprendizagem?

Se a frequência dos alunos é regular. Porque os professores são quase que unânimes em afirmar *meus alunos não querem nada?*.

Quais os fatores que tornam as aulas tão tediosas?

Será que as metodologias trabalhadas em sala de aula são correspondente aos interesses dos educandos?

E os conteúdos trabalhados em sala, estão vinculados aos interesses dos alunos?

O que realmente pode ser feito dentro da sala de aula para tornar o ambiente mais desejável pelo aluno?

Estas são algumas perguntas para as quais buscamos respostas.

A nossa pretensão com este trabalho é antes de tudo despertar a reflexão em todos aqueles envolvidos no processo educativo formal. A partir desta reflexão sobre os elementos que interferem direta ou indiretamente na aula, esperamos que as atitudes de mudanças sejam tomadas de acordo com as necessidades existentes no ambiente escolar. O nosso interesse é contribuir para que a sala de aula seja de fato um lugar de aprendizagem e ao mesmo tempo um lugar prazeroso. Acreditamos que o trabalho pedagógico pode contribuir para a transformação da sociedade, pois se defendemos uma educação articulada com a realidade social, logo, ela será instrumento capaz de transformar as desigualdades sociais, uma vez que, os alunos sairão da escola com melhores capacidades de exercerem seu papel de cidadão.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: O primeiro capítulo trata da organização do ensino de acordo com a influência do Banco Mundial - BM, as orientações da nova Lei de Diretrizes e Bases - LDB, Lei nº. 9.394/96 e Ministério da Educação e Cultura - MEC, e estrutura curricular no município de Cajazeiras.

O segundo capítulo é referente ao planejamento escolar. Ou seja, a função política do planejamento e o planejamento real da escola onde a pesquisa está sendo desenvolvida.

O terceiro capítulo é fruto de nossas experiências na sala de aula, sendo assim, é intitulado Estágio Supervisionado. E por fim, tecemos as considerações conclusivas.

1 A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAVALZEIRAS, PARAIBA

1.1 O Banco Mundial e sua história

Nestes últimos anos ouvimos muito falar em Banco Mundial - BM, mas, a grande maioria de alunos e professores não sabem o que de fato significa a atuação do Banco Mundial, talvez este não seja um assunto interessante para ser conhecido e discutido pelo povo, assim deve pensar os que detêm a hegemonia do poder.

O BM é um agente financiador que empresta recursos destinados à educação e à grandes projetos que não podem ser custeados pelo Estado no mundo inteiro. Ressaltamos, que seu papel não está ligado apenas à educação, entretanto, neste trabalho trataremos apenas da função do BM junto à educação. É bom salientar, que este órgão também oferece assistência em países em desenvolvimento. É o que afirma Torres, (1998, p.126)

O BM não apresenta idéias isoladas mas uma proposta articulada - uma ideologia um pacote de medidas - para melhorar o acesso, a equidade e qualidade dos sistemas escolares, trata-se de fato de um "pacote" de reforma proposto aos países em desenvolvimento que abrange um amplo conjunto de aspectos vinculados à educação, das macro políticas até a sala de aula.

O BM vem atuando junto a educação desde 1963, embora já tenha passado algumas décadas a sua atuação se faz notável de forma mais evidente nestes últimos anos. Seus primeiros financiamentos foram destinados à ampliação das estruturas físicas escolares e a educação de Segundo Grau. Por volta dos anos 70, o presidente do BM, Robert Menamara anunciou mudanças na política de financiamentos e assistência técnica, a partir de então, passaria a ser priorizado o ensino de Primeiro Grau, esta virada foi fruto da Conferência Mundial sobre Educação, realizada em março de 1990 em Jontien, na Tailândia.

A partir de 1990, o BM passou a investir também na Educação Infantil e na educação das populações indígenas e étnicas. Começa então, a proposta de reforma educativa, dentro de um pacote elaborado por técnicos² do BM. Neste pacote encontramos como prioridade atenção à educação básica, bem como melhorar a qualidade da educação, a necessidade de mudar a

² É necessário chamarmos a atenção para estes termos, pacote e técnico. Em se tratando de educação os termos mais viáveis seriam projetos e pedagogos.

administração da educação, mais autonomia aos estabelecimentos escolares, ou seja, o dinheiro direto na escola, a presença dos pais e da comunidade nas decisões das instituições escolares entre outras prioridades destinadas a educação. Assim é composto este pacote que propõe uma reforma na educação. Para Torres (1998, p. 139)

O modelo educativo que nos propõe o BM é um modelo essencialmente escolar e um modelo escolar com duas grandes ausências: os professores e a pedagogia. Um modelo escolar configurado em torno de variáveis observáveis e quantificáveis, e que não comporta os aspectos especificamente qualitativos, ou seja, aqueles que não podem ser medidos mas que constituem, porém, a essência da educação.

Baseado nesta afirmação que a autora faz sobre o pacote da reforma educativa, começamos a refletir sobre a referida proposta e conseqüentemente sobre a nossa temática, que é a sala de aula, última instância que recebe os acordos deste pacote. Como expõe Torres, é um pacote pensado por técnicos e para ser colocado em prática por professores, o que reconhecemos como olhares bem diferentes. Será que já podemos elencar esse fato que acontece longe das escolas como agente causador de algumas insatisfações na sala de aula? Uma vez que os acordos firmados entre o BM e o governo tratam de questões ligadas diretamente à sala de aula.

Pensamos ser esta questão, algo extremamente complicado pois, o BM é um agente financeiro e assim sendo, os seus técnicos que elaboram os pacotes para serem aplicados na educação, não possuem uma visão pedagógica e sim mercadológica. Se os planos para educação são traçados por técnicos e não por pedagogos, logo existe uma contradição. Muitos destes técnicos só estiveram na sala de aula como alunos e provavelmente não estudaram em escola pública. Como eles sabem as necessidades dos professores em cada região de um país como o nosso?

Mesmo de modo oculto, esses pacotes tornam-se imposições para a educação, causando, sérios prejuízos à aprendizagem dos educandos, pois, as prioridades expressas neste pacote estão concentradas em quantidades dispensando a qualidade, neste caso, o professor para atender estes acordos firmado longe da sala de aula, se preocupará mais com a quantidade de alunos a serem aprovados no final de cada série e em trabalhar todo o livro didático

durante o ano letivo. No final de cada ano o trabalho do professor é reconhecido através da quantidade que ele conseguiu produzir.

1.2 A influência do Banco Mundial na educação brasileira

Como observamos o pacote elaborado pelo BM para a educação parece uma proposta interessante, uma vez que nos projetos elaborados e financiados pelo Banco Mundial de acordo com Tommasi (1998: p.197), as prioridades estão voltadas para, *melhorar a capacidade de aprendizagem do aluno e reduzir altas taxas de repetências*. E ainda, segundo a autora um documento elaborado pelo Banco em 1992, definiu três frentes de trabalho para a educação primária, em uma delas segundo Tommasi (1998: p.199), *o fortalecimento da motivação dos professores seria através de políticas e melhorias salariais e das condições de trabalho e aumento de oportunidades profissionais*, sobretudo está presente o discurso da qualidade do ensino. Tal discurso mostra-se contraditório, pois, em contra partida está posto corte nos investimentos sociais³.

No cotidiano escolar podemos constatar vários acontecimentos oriundos a partir das exigências do BM. A nova lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, Lei educação nº. 9.394/96 passou a exigir a formação dos professores da Educação Infantil e Fundamental 1ª fase, em nível superior. A princípio esta idéia é ótima, afinal, quanto mais o professor se qualifica, melhor será o seu trabalho. O problema é que as instituições de Nível Superior pública não comportavam todos esses profissionais que já estavam na ativa. Isto resultou na demanda de Institutos de Ensino Superior e estes Institutos fazem o aproveitamento de experiências dos docentes, com amparo legal como rege a LDB, (Art. 61. II) *aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituição de ensino e outras atividades*. O nosso questionamento é referente à qualidade do ensino oferecido nestes Institutos.

Geralmente os cursos oferecidos nos Institutos de Ensino Superior são cursos aligeirados, e na grande maioria quem procura estes cursos são professores que possuem uma carga horária semanal exaustiva, e em virtude disso, só conseguem estudar no final de semana, e nesses casos, além da jornada de trabalho não ser amenizada, em função dos estudos, a formação

³ A contradição é evidente, uma vez que o ideário neoliberal faz com que a educação perca o seu sentido humanista e nem tudo o que está escrito torna-se realidade.

também é custeada pelo professor⁴. Em alguns segmentos públicos se tem notícias do pagamento de bolsas destinadas a qualificação profissional. E os relatos que ouvimos de modo informal é que estes benefícios costumam atrasar com frequência.

A repetência é alvo de preocupação expresso nas políticas do BM. Não queremos entrar na polêmica reprovar ou não? Só queremos chamar a atenção de que na prática as escolas quase não reprovam mais, não existe nem um documento formal sobre esta questão de não reprovar alunos, mas existe um currículo oculto que nos permite observar que a repetência quase não existe, exceto aqueles casos isolados. Seria ótimo se não houvesse repetência, e todos os alunos aprendessem elementos capazes de favorecer o exercício da cidadania e não que a ausência de reprovações dê-se por uma exigência de um órgão internacional.

Um dos assuntos mais recorrente na atualidade, é o papel social que escola deve desenvolver. Em muitos casos, a escola ainda é restrita aos seus muros e este é um problema que pode está vinculado a diversos fatores, tais como: a falta de tempo do professor para planejar suas aulas, a própria formação muitas vezes não permite ao professor um preparo didático capaz de dinamizar suas aulas, a instituição de ensino as vezes não fornece um bom material de trabalho e o professor acaba se detendo mesmo ao livro didático.

O livro didático ainda é o material mais utilizado pelos professores, especialmente na escola pública, e esse material é muitas vezes a única fonte de leitura que os educandos possuem.

Em algumas formações de professores o uso do livro didático surge nas discussões, e é quase sempre considerado o vilão da história. Não concordamos com esta afirmação, alguns livros são bons e trazem subsídios importantes para o trabalho docente. Entretanto, discordamos que ele seja usado como guia de receita representando quase que unicamente o material de trabalho do professor.

Este instrumento tem sido recomendado pelo Banco Mundial como nos afirma Tommasi (1998: p. 148). O BM, atribui a *baixa qualidade e a ineficiências da educação pública a um dos fatores que é a falta de livros didáticos*. E o BM estabelece entre outras prioridades

⁴ A formação continuada é fundamental para a prática educativa, a menos quando ela sobrecarrega o Profissional e sua qualidade é afetada, muitas vezes reduzida a diploma.

"providenciar livros didáticos". Logo concluímos que as recomendações do BM põe o livro didático como elemento central na sala de aula.

Como já afirmamos, não somos de acordo que o livro didático seja o único instrumento de trabalho em sala de aula, assim como entendemos ser um prejuízo para a educação que o governo invista mais em livros didáticos do que na formação dos docentes. Acreditamos que uma formação eficaz consiga produzir melhores resultados do que a compra de livros, ou seja, um profissional bem preparado conseguirá diversificar seu material de trabalho, bem como aplicar metodologias adequadas, e deste modo contribuir para que a educação seja oferecida com melhor qualidade.

Não podemos esquecer que são realizados verdadeiros acordos a nível internacional que determinam até certo ponto, o trabalho em sala de aula, e muitas vezes nós nem sabemos porque desenvolvemos determinadas tarefas. Em muitos casos nós que trabalhamos com a educação somos omissos até em conhecer as políticas públicas para a educação, a própria LDB é deixada de lado. Em geral não paramos para analisar o que propõe o Banco Mundial para a nossa educação, e não nos damos conta das implicações que estas políticas internacionais têm para a nossa sala de aula. E somos nós, que cumprimos grande parte dos acordos, que são celebrados bem longe da nossa realidade.

A nossa busca neste trabalho é a reflexão sobre os diversos fatores que se relacionam direta ou indiretamente com a prática docente, vejamos por exemplo, a questão salarial dos professores. Apesar de ser algo que ocorre fora da sala de aula, sua repercussão implica diretamente na aula, ou seja, um professor mal remunerado, trabalhando em condições desconfortáveis é inevitável seu descontentamento, e conseqüentemente estes fatores interferem na sala de aula, mesmo que a intenção de alguns professores não seja esta. Por isto, concordamos com Freire (1996: p. 66)

O professor tem o direito de dar as suas aulas de realizar sua tarefa docente. Para isso precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. (...) Há algo que os educadores brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e a educação inclui a briga por salários menos imorais, é um dever irrecusável e não só um direito deles.

Sendo assim, entendemos que deva haver um respeito maior do Estado pelos docentes com seus direitos e conseqüentemente com seus deveres.

1.3 A organização do ensino de acordo com a LDB e o MEC

Em se tratando de um trabalho investigativo sobre as vivências na sala de aula, não poderíamos deixar de observar como está proposto a organização do ensino em nível geral, ou seja, de acordo com a LDB e conseqüentemente pelo MEC.

O artigo 22 da LDB estabelece que: *a educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.*

Para contemplar os objetivos prescritos na lei o Ministério da Educação reconheceu a necessidade da elaboração de um Referencial Curricular Nacional, os denominados PCNs. Embora a proposta seja interessante, entendemos que existe uma distância muito grande entre os PCNs e a realidade escolar brasileira. Pois, a grande maioria dos professores do país, não se encontram preparados para desenvolver o que propõe os PCNs, neste documento é possível identificarmos a necessidade de formação dos professores Brasil, (2001: p. 13) *a busca da qualidade impõe a necessidade de investimento em diferentes frentes, como formação inicial e continuada de professores (...) recursos televisivos, de multimídias, e a disponibilidade de materiais didáticos.*

Entretanto, encontramos uma certa flexibilidade quando a organização Curricular. Mesmo havendo a existência de alguns componentes serem nacionalmente comum, a forma como estes serão conduzidos fica a critério da região onde o trabalho será desenvolvido.

Podemos considerar esta flexibilidade existente nos Parâmetros Curriculares como algo de grande relevância diante da dimensão do nosso país e as diferenças regionais que nele existe. Não seria viável a unificação total de um currículo, até porque não podemos nos esquecer que na educação receita não funciona. Precisamos de pontos norteadores e autonomia para elaborar um trabalho condizente com a realidade das diversas localidades brasileiras.

Baseados na lei que regimenta a educação brasileira, compreendemos que o ensino precisa está ligado ao cotidiano dos alunos, pois se ele é para possibilitar a formação de um sujeito atuante socialmente o ensino precisa está conectado com a sociedade.

É o que afirma Libâneo, (2000: p. 37) (...) *o ensino, mais do que prover acumulação de conhecimentos, cria modos e condições de ajudar os alunos a se colocarem ante a realidade para pensá-la e atuar nela.*

Infelizmente ainda não se concretizou este pensamento de Libâneo para a educação. Existe uma separação entre o que se trabalha na escola e o que acontece na sociedade, é verdade que isso não é um fato generalizado, mas ainda é freqüente este tipo de trabalho em muitas escolas da cidade de Cajazeiras e possivelmente do Brasil.

1.4 A estrutura Curricular em uma escola do município de Cajazeiras

As observações realizadas por ocasião das visitas à escola E.M.E.F. Vitória Bezerra, nos proporcionou conhecermos parcialmente como é organizada a estrutura curricular da referida escola.

Segundo as orientadoras pedagógica, a Secretaria de Educação do município de Cajazeiras elabora uma planilha com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vale lembrar, que a planilha é apenas um instrumento norteador que pode ser adequado às condições e a realidade da escola.

Com base nas orientações provenientes deste documento, é reunido o corpo docente e outros segmentos envolvidos na ação educativa e assim é preparado anualmente o currículo para ser desenvolvido na escola.

O currículo escolar é composto pelas seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Artes, Educação física, Matemática, Ciências, Geografia, História, Ensino Religioso e Língua Estrangeira.

O bloco das Ciências Sociais especifica também as suas tecnologias.

Perguntamos as orientadoras como é feito este trabalho e elas nos responderam *que é mais a nível de informação acrescentaram ainda que este é um componente que não pode faltar na proposta, sem ele talvez ela nem seja aprovada.*

Com base nas nossas observações e informações vindas da orientação escolar foi possível identificar os princípios estabelecidos na LDB, a flexibilidade respeitada mas a base comum sendo trabalhada. O Art. 26 estabelece que,

Os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade e da cultura.

Consideramos importante o trabalho com esta base nacional comum porque mesmo vivendo em um país muito grande não podemos viver em total diferença entre as regiões, haja visto que, algumas diferenças já existiam por natureza própria e a escola não pode acentuar ainda mais as diferenças.

2. PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

2.1 A função política do planejamento

Planejar é algo indispensável em nossas vidas. Qualquer que seja a atividade ela exige planejamento.

Quando tratamos de educação, o planejamento deve ser o eixo condutor desta prática. No entanto, planejar não significa encontrar a fórmula mágica para resolver todos os problemas da educação.

O planejamento não pode ser algo imutável e definitivo, por este motivo ele deve ser construído levando-se em conta a flexibilidade, para que durante o seu desenvolvimento algumas mudanças possam acontecer. É preciso entendermos o planejamento como um processo contínuo que nos indica o caminho para onde ir e as maneiras de como chegar em nosso destino. Neste sentido, concordamos com Maseto (2000: p.15) quando afirma,

O ato de planejar é uma atividade intencional: buscamos determinar fins. Ele torna presentes e explícitos nossos valores, crenças como vemos o homem; o que pensamos da educação, do mundo, da sociedade. Por isso, é um ato político-ideológico.

Deste modo, é relevante uma reflexão antes de realizar o planejamento. Algumas perguntas devem ser respondidas; como por exemplo: como é a comunidade que a minha escola está inserida? Esta pergunta compreende, as condições financeiras, de saneamento básico, o tipo de assistência médica e odontológica, os tipos de acesso à informação que os alunos e suas famílias dispõem.

Traçando o perfil da clientela que frequenta a escola, é possível oferecer uma educação que se aproxime dos anseios da comunidade. Conhecendo como vivem seus alunos, os educadores podem traçar seus objetivos com mais clareza e a escola pode oferecer um trabalho educativo inserido na dinâmica social, pois, para uma ação ser exitosa é preciso sabermos para quem estamos preparando a ação e quais resultados estamos desejando alcançar.

À pergunta feita anteriormente, soma-se a uma outra "que tipo de homem pretendo formar"?

Essas indagações são necessárias tendo em vista o papel social que é atribuído à escola na sociedade.

Muitas vezes, verificamos a omissão da escola ante seu papel na sociedade. No entanto, se compartilhamos a idéia que a educação deve exercer caráter democrático, é preciso que ela seja oferecida à todos com qualidade, e atenda aos anseios cotidianos dos que estão inseridos neste processo. Para isto tornar-se algo concreto, é necessário a garantia do aluno em sala de aula, desde as primeiras séries até a formação, e neste período deve ser trabalhado suas potencialidades intelectuais.

Sendo assim, a reflexão na hora de selecionar os conteúdos nos parece algo inerente a esta tarefa, pois, a escola deve oferecer um ensino voltado para os interesses de sua clientela por isto concordamos com Padilha (2001: p. 22) que diz,

A escola, espaço das relações sociais e humanas, é um campo propício para a discussão política, pois, ser político nesse âmbito é conhecer profundamente essa instituição em todas suas características. É compreender como são estabelecidas as relações de poder no seu interior e saber avaliar como isso repercute nos serviços que a unidade escolar ofereça a comunidade.

Como diz o autor, para que o planejamento venha ser de fato um ato político, depende de como é organizada, ou melhor, ele precisa ser realizado. Infelizmente alguns professores ainda têm o hábito de só copiar o planejamento de anos passados, ou ainda de realizá-lo atendendo uma exigência burocrática sem pensar efetivamente no resultado que o planejamento pode proporcionar à sua prática.

Entendemos ainda, que planejar não pode ser um ato isolado apenas com o professor, exige um envolvimento de todo corpo que compõe a escola, assim este momento torna-se viável para decisões reais sobre o que a escola pode e deve oferecer aos alunos.

Alem disso, é um momento ideal para as discussões, as idéias, os sonhos que cada um que compõe a escola possuem e possam expressar-se e juntos possam traçar metas para a melhor realização do trabalho pedagógico. Deste modo, compreendemos ainda mais, a função social da escola.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

2.2. O planejamento real na escola Vitória Bezerra em Cajazeiras

Outro momento de nossas visitas à escola foi reservado para conhecer como é feito o planejamento escolar.

Segundo as orientadoras pedagógicas e conforme está documentado no Projeto Político-Pedagógico⁵ - P.P.P. da escola, o trabalho docente é guiado por projetos. No início do ano é feito um planejamento coletivo e nele é decidido os temas a serem trabalhados durante o ano letivo, no período do planejamento anual é feita uma avaliação das ações exitosas e do que não foi possível ser cumprido, como também são analisados os fatores que contribuíram para o sucesso ou não das atividades.

Os projetos são elaborados e anexados ao P.P.P. como pudemos constatar. A informação que obtivemos é que cada professor (a) trabalha em conjunto na aplicação do projeto de acordo com a série que leciona.

Vale lembrar, que as orientadoras nos informaram da flexibilidade deste planejamento, dependendo da necessidade outros temas podem ser inseridos ou retirados do planejamento anual. E esta adaptação nos é recomendada por Maseto. (2000: p. 20). *Se quisermos um planejamento como instrumento de trabalho dinâmico, flexível e que responda as necessidades dos alunos, é fundamental sua adaptação.*

Com base no planejamento anual é feito o planejamento mensal, é nesse momento que as adaptações acontecem, pois, no decorrer do ano os professores passam a conhecer melhor os seus alunos. A realização acontece num dia letivo, nesse dia não há aula, fica reservado ao planejamento.

De acordo com as orientadoras neste dia também é feita uma avaliação dos trabalhos que foram desenvolvidos, os professores apresentam um diagnóstico de suas turmas, e se discute alternativas para melhorar o trabalho docente.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

⁵ Na nossa opinião este documento apenas burocrático, não tem valor para a educação. Ele precisa ser executado.

3 ESTÁGIO SUPERVISIONADO

3.1 Caracterização da escola, campo de Estágio

A escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Vitória Bezerra, fica localizado na zona urbana da cidade de Cajazeiras, mas, precisamente na Avenida Francisco Matias Rolim no bairro Belo Horizonte.

3.1.1 A estrutura pedagógica

O planejamento é mensal acompanhado por duas orientadoras pedagógica. A cada planejamento é elaborado um projeto e o tema surge de acordo como as necessidades dos alunos.

A avaliação é feita através de provas e trabalho em grupo, a escolha fica a critério do professor. Após cada avaliação, se houver necessidade é feito uma recuperação.

3.1.2 Estrutura administrativa

06 agentes administrativos, 02 orientadoras pedagógicas, 01 diretor, 02 vice-diretores. A escola também conta com a implantação do Conselho Escolar.

3.1.3 Estrutura física

A escola é composta por seis salas de aula, uma cozinha, uma sala que funciona como secretaria e diretoria e numa outra sala pequena funciona a biblioteca, o pátio é bem pequeno o que limita bastante o espaço das brincadeiras dos alunos.

3.2 As vivências na sala de aula

Neste capítulo relataremos nossas observações, intervenções na sala de aula e análise do material empírico, ou seja, a fala dos sujeitos⁶ que fazem parte desta escola mas precisamente

⁶ Para preservar a identidade dos sujeitos que participaram desta pesquisa, identificamos por letras do alfabeto e números naturais.

alunos e professores.

Para desenvolver esta pesquisa participante, iniciamos nossas observações no mês de Março de 2006. A turma era uma segunda série.

A nossa investigação buscava saber por que os alunos gostam da escola e não gostam da sala de aula, então, nosso olhar se estendeu a toda escola.

O espaço físico da escola é bem limitado, não há lugar para as crianças brincarem, o recreio deles consiste em brincar de correr num pequeno espaço que há na escola. Um dia um aluno me disse, *se tivesse uma quadra de futebol aqui na escola... oche ai seria bom demais* e este aluno era um dos que mais dava trabalho a professora.

Nas nossas visitas à turma da segunda série, observamos que no início da manhã os alunos se mantinham em silêncio, mas, na medida em que as horas se passavam eles começavam a ficar inquietos, não se concentravam nas explicações que a professora fazia, alguns levavam brinquedos escondidos nas mochilas e ficavam o tempo todo pedindo para ir ao banheiro.

Nos dias que observamos as aulas, a professora fez leitura compartilhada e sempre usava diversos tipos de textos, sempre notamos que os alunos ficavam muito dispersos na hora que a professora fazia a leitura, não presenciamos aulas com outros recursos que não fosse o quadro e o giz, isto impossibilitou-nos de avaliarmos melhor o desinteresse dos alunos, se era realmente pelo conteúdo ou se era pela metodologia.

Neste ano de 2007, iniciamos o Estágio Supervisionado no dia 26 de fevereiro. Começamos com um diagnóstico na turma da terceira série, os alunos eram na grande maioria os mesmos da segunda série.

Este ano a escola está com uma nova gestão, o prédio ganhou uma nova pintura, que tornou o ambiente mais agradável, pois, as salas estavam muito sujas, as paredes e as carteiras riscadas com corretivo e canetas, por isto, concordamos com o gestor quanto diz que, *ter um espaço físico organizado e acolhedor é tão importante quanto trabalhar com práticas pedagógicas eficazes.*

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

No primeiro dia de aula, foi feita uma recepção aos alunos no pequeno pátio da escola, enquanto o diretor da escola falava, tanto as crianças quanto os pais e as mães conversavam, a partir daí começamos a pensar... se os pais não param para ouvir questões importantes referentes a vida escolar de seus filhos, imaginem os filhos? pois é, os pais demonstram na frente dos filhos que dão pouca importância ao que se fala dentro da escola, contribuindo com este ato para que os alunos escutem menos seus professores.

Sabemos que participação da comunidade na escola é algo relevante, pois, o diretor, os professores e os alunos passam pela escola e seguem seus rumos, e a escola permanece sempre na comunidade.

Nesta escola, foi possível observarmos que a comunidade ainda não descobriu o valor de sua participação neste espaço, empiricamente ouvíamos nos corredores, conversas que nos fez perceber que há de modo oculto uma rivalidade entre os pais e a escola, apesar deles estarem presentes todos os dias na escola.

Pela manhã os pais e as mães trazem seus filhos e os conduzem até as suas salas de aula, embora o gestor já havia pedido para eles e elas acabarem com esse hábito, pois, parece que os pais e as mães só procuram os defeitos, entram nas salas sem pedir licença à professora e colocam os filhos para sentarem onde acham que é melhor.

Em conversa informal com uma professora, ainda no período das nossas observações em 2006, ela fez um verdadeiro desabafo *aqui na escola quem manda são os pais, se eles no final do ano disserem que o filho tem que ser aprovado, nós temos que aprovar.*

As nossas inquietações ao realizar este estudo, era compreender e até mesmo conhecer fatores que estão fora da sala de aula, mas, que interferem diretamente neste ambiente e este problema que identificamos existir entre os pais e a escola, interfere muito nas aulas, os professores ficam desgostosos, os alunos começam acreditar que os professores tem medo de perder alunos pela pressão que os pais deles fazem e começam abusando dos seus direitos.

Em relação a isto, a gestão está administrando este problema de forma coerente, se por um lado está mudando o hábito dos pais adentrarem nas salas no início das aulas, o gestor está chamando os pais para participarem das decisões da escola, um exemplo que presenciamos foi

no início das aulas, os alunos sempre entraram na escola pelo portão lateral e o gestor pensou em mudar a entrada dos alunos para o portão principal, mas, quando ele consultou os pais, eles acharam melhor continuar a entrada e saída pelo portão lateral, em função do portão principal dá acesso a uma avenida movimentada. Também estão, sendo realizadas oficinas de artes plásticas, teatros, dança e futebol e além destas oficinas que são realizadas aos sábados a escola fica aberta à comunidade.

Outro fator que interfere na vida dos professores e conseqüentemente nas aulas são os baixos salários, estes causam uma desmotivação nos docentes porque em função de ganharem pouco, alguns lecionam dois expedientes acarretando em uma carga horária exaustiva. Em função disto, lhes falta tempo para organizarem suas aulas, não é possível aos professores dedicar-se à formação continuada, nem mesmo comprar bons livros, o que é essencial na prática docente.

Na fundamentação deste trabalho ficou evidente a importância do planejamento para a aula. E nas nossas vivências na escola comprovamos que lá o planejamento acontece mensalmente, mas percebemos que a importância esta voltada mais para os conteúdos, apesar destes serem importantes, mas também deve ser valorizado e planejado a forma como estes conteúdos serão trabalhados, para que não se torne algo tão cansativo. É interessante buscar alternativas que permitam ao professor não seguir apenas o livro didático, apesar deste ser uma exigência dos acordos feito com o BM, como vimos no capítulo anterior.

O que também nos levou a trilhar este caminho, foi a queixa de muitos professores que diziam, *meus alunos não querem nada*. O que percebemos não foi isso, apesar de alguns dizerem que *não gostam de estudar*, percebemos que eles não estão gostando do ensino que estão recebendo, este modelo escolar, não está mais atendendo as expectativas dos alunos, eles realmente são inquietos, o comportamento na terceira série é parecido com o que tinham na segunda série, alguns são indisciplinados e quando chamamos os pais ou responsáveis destes alunos indisciplinados para conversar, percebemos e compreendemos que estes comportamentos é fruto da convivência familiar.

Existem alunos que desafiam a professora, são inquietos e falantes, e esses alunos são os que compreendem rapidamente os conteúdos.

Na nossa opinião as mudanças que vêm ocorrendo na tecnologia e na sociedade, exigem um novo modelo de escola e de professor. O professor precisa saber ouvir o aluno, conhecer o que eles querem aprender. Precisa também refletir como está sendo trabalhado o conteúdo, se o aluno não está entendendo é preciso refletir sobre a metodologia, fazer uma análise coletiva e individual.

Percebemos que alguns professores ainda não desenvolveram o pensamento crítico em relação aos conteúdos, pois, entendemos que tudo o que está em nossa volta pode e deve ser questionado, muitos conteúdos que estão presentes nos livros didáticos, não interessam aos alunos, mesmo assim, alguns professores não os questionam:

Considero importante os conteúdos didáticos, desde que os mesmo possam ter sentido existencial para os alunos, assim sendo, não acredito que a importância dos conteúdos sejam questionados, uma vez que, é a fonte de onde emana os conhecimentos, principalmente os específicos. (Prof^a. A).

Se por um lado é importante o que a professora diz em relação a transformar os conteúdos de acordo com a realidade dos alunos, por outro lado, sabemos que isso não acontece freqüentemente, é isso que nos afirma a professora C. *Os conteúdos algumas vezes foge da realidade dos alunos, causando assim, insatisfação e desinteresse na hora de aprender.*

E a professora C realmente tem razão, existem conteúdos que fogem da realidade e do poder de compreensão do aluno. Naquele momento, eles realmente viajam para longe da sala de aula, porque eles não entendem o que a professora está falando, é como diz a professora A, *é preciso transformar os conteúdos em realidade para os alunos*, mas em muitos casos o professor não faz isto porque não sabe. Desta forma, compreendemos que além de selecionar os conteúdos, os professores precisam de mais estudos, é preciso refletir a partir da prática, é verdade que o professor precisa de saberes metodológicos, experiência e contato com a realidade, precisa sempre está se atualizando lendo muito e discutido muito sobre a prática educativa, ou seja, é próprio da prática educativa exigir uma formação continuada dos professores.

Assim sendo, não podemos deixar de destacar a relevância de uma metodologia adequada para o processo de ensino e aprendizagem.

Conhecemos diversos tipos de metodologia e sabemos que a cada dia outras mais surgirão. Muitos docentes ainda definem metodologia como dinâmica, e na verdade as dinâmicas são tipos de metodologias. As metodologias são as formas de conduzir as aulas. Sobre este aspecto, vejamos o que fala a professora C. *A importância das metodologias é que através delas o educador vai fazer com que suas aulas sejam mais dinâmicas, tornando-as assim mais prazerosas para os educandos e fazendo com que eles progridam ainda mais.*

Concordamos com a afirmação da referida professora, visto que uma boa metodologia contribui decisivamente para o resultado satisfatório de uma aula. As vezes o professor pode levar vídeo para a escola, música e outros materiais diversos e não obter êxito, um outro professor pode alcançar seu objetivo sem usar tecnologias modernas. Consideramos relevante o pensamento da professora A quando diz, *acredito que a aprendizagem só funciona e acontece a partir de uma metodologia que deve ser acatada como sendo a melhor maneira de se realizar o processo ensino aprendizagem.*

Como disse a professora A, a metodologia precisa ser adequada ao conteúdo e o professor precisa saber trabalhar com a metodologia escolhida. Não adianta por exemplo: a professora trazer um vídeo para a sala de aula que ela ainda não tenha assistido e não saiba explorar este filme, contextualizando com o trabalho de sala de aula, ou mesmo um cartaz, apenas para enfeitar a sala, estes recursos funcionam se bem explorados.

Quando perguntamos as professoras do turno matinal em que momento os alunos se interessam mais pelas aulas, todas responderam que eles se interessam por algo novo, material concreto, algo que chame a atenção deles, é importante destacarmos o que nos respondeu a professora A. *Meus alunos se interessam pelos momentos em que passamos a considerar suas experiências, sua leitura de mundo, como também no momento que nós atribuímos materiais concretos na exposição dos conteúdos. Isto sem dúvidas os deixam mais interessados.*

Diante do exposto, reconhecemos a importância de uma aula com recursos que a transforme em algo próximo ao cotidiano do aluno, por mais complexo que seja o conteúdo, mas, é prudente ressaltar que nem sempre os professores trabalham materializando os conteúdos, às vezes falta recursos e as vezes até mesmo habilidade, pois sabemos que a formação docente continuada é algo que precisa de mais atenção por parte dos governantes.

A professora que leciona na série que realizamos o nosso Estágio, demonstra muito esforço para acertar na sua prática, entretanto, ela tem encontrado alguns obstáculos, sua formação é em nível médio e sua preocupação na época do nosso Estágio era iniciar sua formação em nível superior, porém suas tentativas não obtiveram sucesso, porque o Instituto no qual ela fez as provas não conseguiu formar a turma do Curso de Pedagogia, se ela tivesse conseguido ingressar nesta instituição, o custo seria pago por ela mesma.

Esta professora concluiu o magistério há mais de dez anos, esteve afastada de sala de aula por cinco anos. Ao retomar ao trabalho docente não presenciamos nenhum preparo pedagógico, como também nenhuma intervenção estratégica diretamente na sala de aula, isto não ocorreu nos dias que estivemos na escola. Neste contexto, questionamos a prática docente que se efetivava no âmbito da sala de aula, posto que, a realidade da turma é semelhante a realidade de outras salas de terceira série do ensino público, onde existem alunos que não reconhecem o alfabeto completo, a maioria ler ainda juntando sílabas e nem de longe conseguem fazer uma interpretação textual.

Apesar de não termos presenciado nenhum apoio pedagógico à professora, no período em que estávamos na escola, em conversa informal com uma das orientadoras, ela nos contou que *existe muito trabalho burocrático, mesmo assim ela tem como prioridade o aluno, a cada final de bimestre ela acompanha as notas e informalmente conversa com os professores, os pais e até com os alunos*. Além disso ela nos informou que está sendo construído um projeto de leitura que será desenvolvido pelas professoras e coordenado por duas orientadoras pedagógicas.

Na fala da orientadora pedagógica, aparece como elemento principal o aluno, a nossa preocupação foi justamente compreender as relações dos alunos com a escola e por isto, resolvemos ouvir o que eles pensam sobre ela.

Perguntamos se eles gostam da escola, todos responderam que sim, os motivos que os fazem gostar da escola são diversos, uns gostam por causa do pessoal de apoio (a secretária, agentes administrativo e a própria gestão). Outros gostam da escola porque querem aprender. Quando questionamos o quê e para quê aprender, muitos não souberam responder. Esta é uma questão extremamente relevante, posto que tem a haver com o significado social da escola para o aluno.

Para muitos dos alunos que ouvimos nesta pesquisa, a educação formal ainda não faz sentido em suas vidas. Nesta perspectiva nos questionamos, como é que alguém gosta de uma coisa que não sabe para que serve?

Muitos alunos querem aprender matemática e mais uma vez questionamos a importância de se aprender matemática, e muitos responderam *que é para passar nas provas*.

Nas nossas conversas com os alunos percebemos que eles atribuem o sentido da educação como instrumento para o ingresso no mercado trabalho. Vejamos o que dizem os alunos sobre essa questão: *Estudo para não ser vagabundo, porque quem estuda arruma emprego. (aluno 8). A coisa mais importante na vida da gente é a leitura... porque agente para pegar um emprego tem que ter leitura. (aluno 9).*

Entre os quinze alunos que entrevistamos apenas uma aluna destacou outra função social da educação, além de proporcionar opções de emprego. Segundo ela, o seu objetivo na escola é: *ler escrever e aprender, o aprender serve para trabalhar para não pedir a ninguém para ler, pode ser um segredo e quando for viajar não se atrapalhar no ônibus. (aluna 1).*

É importante os professores ouvirem seus alunos também neste sentido. É relevante os professores conhecerem o que pensam os alunos em fazer com a educação que recebem na escola e mais importante ainda é despertá-los para buscarem sentido no que aprendem.

Na sociedade que vivemos é perigoso o aluno só atribuir o sentido da educação ao trabalho, porquê ele pode ver o seu pai ou o seu vizinho desempregado e estes terem um certo nível de escolaridade. Diante disso, ele pode perder o interesse pela escola.

Hoje a função da escola vai além de preparar o sujeito para o mundo do trabalho, pois além de incluir-se no mercado de trabalho. Ele vai interagir no meio social. Sendo assim, ele precisa de uma boa educação para fazer uma interpretação dos fatos sociais e sozinho buscar mais conhecimentos.

Dos problemas que identificamos na sala, o mais grave foi os alunos que não dominam a prática da leitura. Neste caso, nossas intervenções foram direcionadas para melhorar o desenvolvimento da leitura e compreensão dos textos. Desenvolvemos também atividades

com o objetivo de avaliarmos em quais delas os alunos se envolviam mais e quais ficavam mais desapego e inquietos.

Todas as atividades que preparamos e aplicamos foi em conjunto com a professora, pois, a seqüência de conteúdos que ela preparou para o ano letivo nós não alteramos.

No dia 05 de março preparamos uma aula de português, o texto que usamos foi o da música “O caderno” de Toquinho.

No primeiro momento apresentamos a música, explicamos a estrutura do poema, enfatizando os versos e as estrofes, ouvimos a música com uma pausa em cada estrofe e ao mesmo tempo que íamos ouvindo, íamos acompanhando a leitura da letra da música que estava exposta em um cartaz fixado à lousa. Em seguida, ouvimos a música sem pausa e ao término da escuta, fizemos uma leitura coletiva da música completa. Após a prática da leitura exploramos as palavras com sílabas complexas que haviam apenas na primeira estrofe.

Esta atividade foi um sucesso, todos gostaram da música principalmente as meninas, todos fizeram a leitura e se envolveram no exercício.

No dia 06 de março fizemos uma leitura compartilhada sobre os astros, os alunos no início da leitura até estavam quietos, mas, na medida que íamos avançando na leitura eles ficavam inquietos e pouco prestavam atenção.

Já no dia 08 de março, combinamos com a professora os materiais que seriam usados na aula sobre os movimentos da terra, a professora trouxe laranja, barbante, palito e vela. Neste dia, usamos os materiais para representarem os movimentos que a terra faz ao redor do sol e de si mesma. Os alunos receberam muito bem esta atividade, de imediato fizemos questionamentos oralmente e verificamos que houve aprendizagem.

Procuramos comparar atividades interativas com atividades mais tradicionais.

No dia 15 de março trabalhamos com uma leitura informativa sobre a Amazônia, em voz alta fizemos esta leitura e pedimos que os alunos acompanhassem em seus livros. Em seguida, pedimos para eles completassem a atividade referente ao texto que estava no livro didático.

Esta atividade foi péssima porque, eles não acompanharam a leitura, eles estão encontrando muitas dificuldades com os novos livros didáticos, além das dificuldades de leitura que eles ainda possuem.

Os novos livros didáticos que os alunos da rede pública receberam este ano estão reformulados, exige mais compreensão dos alunos, mais criatividade. Reconhecemos que o livro didático pode ser um dos instrumentos para auxiliar no trabalho do professor, ele não deve ser o único instrumento usado em sala de aula. Com esse novo modelo que estão sendo elaborados os livros, o professor precisará ajudar ao aluno a manusear os seus livros e obterem resultados satisfatórios.

No dia 20 de março aplicamos uma atividade de leitura e interpretação com a Lenda da Vitória-régia, este texto faz parte do livro didático que os alunos receberam.

Antes de iniciamos a leitura, numeramos os parágrafos, dividimos o texto em duas partes para serem trabalhadas em dois dias.

Iniciamos a leitura por parágrafos, na medida que íamos lendo os parágrafos, íamos interpretando-os oralmente, no primeiro dia iniciamos a estória, no dia seguinte concluímos.

Em nossos questionamentos oralmente, íamos avaliando se houve compreensão do texto pelos alunos, explicamos detalhadamente como resolver a atividade no livro didático e nesse dia o trabalho deu certo, os alunos se envolveram na atividade e nesta aula só usamos o texto, o giz e a lousa.

Além de nossas intervenções, observamos as aulas da professora, quando a aula é bem planejada o sucesso é visível, também nas aulas com demonstrações práticas, com a utilização de recursos bem adequados eles prestam mais atenção.

Nas nossas observações, a importância de um bom planejamento evidenciou-se ainda mais. Sem dúvidas, aulas bem planejadas não deixam espaço para os alunos se dispersarem, e um bom planejamento também inclui o cálculo de tempo para cada atividade, respeitando é claro a aprendizagem do aluno.

Percebemos que alguns alunos são sempre atrasados em relação ao nível da turma, mas, o atraso dá-se por conta deles estarem acostumados a ficarem conversando quando a professora inicia as atividades. Eles confiam que no final a professora vai esperá-los. Por outro lado, há aqueles alunos espertos que são aqueles inquietos e falantes que copiam rápido e ficam conversando.

Por isto, é importante calcular o tempo suficiente para a realização das atividades, principalmente aquelas copiadas da lousa.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Numa sociedade em movimento, onde as certezas não existem, as teorias envelhecem com frequência é muito difícil concluirmos algum estudo, pois, as pesquisas estão para serem contestadas e assim surgirem novos conhecimentos, neste caso, teceremos então, algumas considerações.

Esta pesquisa foi uma tentativa de conhecermos os problemas e buscarmos subsídios teóricos para viabilizar a prática docente e tornar as aulas mais significativas e atrativas para os alunos.

Uma primeira apreensão feita por nós, é que os alunos gostam da escola, gostam dos professores e querem estudar, a verdade é que existem alguns conflitos humanos, como: igual a todo ser humano, os alunos tem histórias de vida diferentes; os problemas familiares interferem muito no comportamento dos alunos em sala de aula; a falta de apoio dos pais também atrapalha, as crianças problemáticas na escola, não reconhecem a autoridade dos pais.

Entendemos que os alunos não devem ter medo dos pais e professores, eles precisam é reconhecer que estes, têm autoridade sobre eles, precisam também aprenderem respeitar pais e professores como seres humanos. Se isto for possível enquanto são crianças provavelmente serão adultos que terão um bom convívio social.

Por parte dos professores é preciso ajustarem suas relações com os alunos, o professor é um profissional e por isto, não deve existir relações com traços de parentesco, o amor dos professores deve estar ligado ao bom desenvolvimento dos alunos, ou seja, boas escolhas metodológicas, bons conteúdos e compromisso com a aprendizagem.

Reconhecemos que nos momentos de planejamentos deve haver uma preocupação maior em transformar as aulas em momentos agradáveis.

Não podemos esquecer de mencionar a carência de recursos didáticos na escola bem como de recursos tecnológicos, entretanto destacamos o esforço dos docentes e do núcleo gestor da escola para torná-la um ambiente agradável e de aprendizagem.

Ressaltamos que, diante das dificuldades é possível concretizarmos o direito que as crianças têm de freqüentar a escola, mesmo com os problemas que afetam as escolas públicas, não podemos afirmar que todas as escolas não oferecem ensino com qualidade.

Durante nosso Estágio apreendemos que, a escola de qualidade não surge num passe de mágica e nem sempre o melhor ensino acontece na escola bem aparelhada. É possível construir uma boa escola, se todos os sujeitos que fazem parte direta ou indiretamente deste espaço estiverem comprometidos com uma aprendizagem eficaz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. LDBEN Lei 9.394. Brasília 1996.

BRASIL. Introdução aos **Parâmetros Curriculares Nacionais** Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

HADDAD, Sergio, TOMMASI, Livia de, WARDE, Miriam Jorge. **O Banco Mundial e as políticas Educacionais.** In: TOMMASI, Livia de. Financiamentos do Banco Mundial no setor educacional brasileiro: os Projetos em fase de implementação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora?:** novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MACIEL, Yolanda Maria. VERAS, Neide Fernandes Monteiro. **Prática de ensino Planejamento:** In: MASETO, Marcos. **Planejamento: instrumento de ação educativa.** 2.ed.- Fortaleza 2000.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. VIEIRA, Sofia Lerche. **Pesquisa Educacional: O prazer de conhecer.** 2. ed. Fortaleza : Demócrito Rocha, 2002.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político pedagógico da escola.** São Paulo: Cortez, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
SAJAZEIRAS - PARAIBA

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DA ELABORAÇÃO DA MONOGRAFIA EM MINHA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Este é um momento de reflexão para mim, revivo agora todos os passos que foram necessários para construir este trabalho monográfico.

Inicialmente a minha idéia, era apenas pesquisar o que acontecia dentro da sala de aula. Para concretizar esta idéia, realizei uma pesquisa bibliográfica. Com a orientação adequada da professora Ms. Gerlaine, fui tecendo fios e elaborando este trabalho.

Compreendi que na elaboração da monografia é preciso usar todos os conhecimentos adquiridos durante o processo de formação, ou seja, é a hora oportuna para efetivação da interdisciplinaridade.

Quando analisei em parceria com a orientadora os caminhos que este trabalho deveria trilhar, confesso que foi um momento de apreensão, pois, eu teria que descrever sobre temas complexos, à exemplo de currículo e planejamento educacional.

Iniciei pesquisando as políticas públicas para a educação, embora, já ouvisse falar das intervenções do Banco Mundial na educação brasileira, meu conhecimento era algo superficial sobre este assunto. Ao me aprofundar nos estudos, comecei a entender diversas mudanças que vem ocorrendo na educação, sobretudo passei à compreender que as políticas públicas para a educação brasileira, são elaboradas de acordo com as normas estabelecidas pela BM, e esta intervenção do BM reflete diretamente nas escolas, e o resultado não é algo apenas benéfico, pois, os técnicos do Banco elaboram pacotes para a educação, e estes são repassados às escolas como sendo verdadeiras fórmulas mágicas e na prática geralmente eles não funcionam.

Considero ser importante para todos os sujeitos envolvidos com a educação formal, a informação de que esta sistematização depende dos acordos firmados longe das escolas.

Após o estudo realizado sobre o BM e as políticas para a educação, analisei a nova Lei de Diretrizes e Bases - LDB, Lei nº 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs e assim constatei que, tanto a LDB quanto os PCNs seguem orientações do Banco Mundial e

deste modo, percebemos porque alguns itens que constam na proposta norteadora se distanciam tanto da realidade da grande maioria dos professores brasileiros, pois, os técnicos do BM que elaboram pacotes para a educação vivem numa realidade distinta das escolas brasileiras e precisamente do sertão.

Após uma análise de como o nosso ensino é organizado, passamos a analisar a importância do planejamento à prática docente. E a nossa compreensão foi que, quando tratamos de educação, o planejamento deve ser o eixo condutor desta prática. No entanto, planejar não significa encontrar a fórmula mágica para resolver todos os problemas da educação.

O planejamento não pode ser algo imutável e definitivo, por este motivo ele deve ser construído levando-se em conta a flexibilidade, para que durante o seu desenvolvimento algumas mudanças possam acontecer. É preciso entendermos o planejamento como um processo contínuo que nos indica o caminho para onde ir e as maneiras de como chegar em nosso destino.

Com o trabalho fundamentado teoricamente, iniciei a pesquisa de campo. Passei um semestre apenas observando o espaço escolar e o ambiente da sala de aula, no semestre seguinte além de observar as aulas realizei intervenções na sala de aula, esta etapa foi relevante em minha formação, porque neste momento interagi com os alunos e exercitei na prática algumas teorias adquiridas na Universidade, foi possível compreender melhor as relações que se estabelecem dentro da sala de aula.

Talvez não seja possível neste breve relato, descrever o quanto o Estágio Supervisionado e a elaboração da monografia foram importantes à minha formação docente, mas, tenho certeza que contribuíram satisfatoriamente e estes aprendizados se farão presentes em minhas práticas docentes que desenvolverei posteriormente.

ANEXOS

DIAGNÓSTICO DA TURMA, TERCEIRA SÉRIE A

A turma tem 35 alunos matriculados, com idade entre 9 e treze anos. A frequência é regular.

50% dos alunos, só conseguem ler juntando as sílabas, 100% não consegue fazer a leitura dos textos respeitando os sinais de pontuação. Um dos alunos é repetente por três vezes na 3ª série e não reconhece todas as letras do alfabeto.

A escrita só se mostra satisfatória em palavras simples, quando as palavras envolvem sílabas complexas como o r intermediário ou lh, nh a dificuldade é quase da turma toda, as produções textuais se resumem a pequenas frases.

Em matemática a maioria sabe contar até mil, fazem operações envolvendo até multiplicação, em cálculos mentais eles apresentam mais dificuldades.

Os alunos sabem mais o que assistem na TV, mas mesmo assim, os conhecimentos gerais são fragmentados, de modo geral a capacidade intelectual precisa ser mais explorada.

O CADERNO

Sou eu que vou seguir você do primeiro rabisco até o bê-á-bá
Em todas os desenhos coloridos vou estar.
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel.

Sou eu que vou ser seu colegas, seus problemas ajudar a resolver.
Te acompanhar nas provas bimestrais você vai ver.
Serei de você, confidente fiel se seu pranto molhar meu papel

Sou eu que vou ser seu amigo vou lhe dar abrigo se você quiser.
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher.
A vida se abrirá num feroz carrossel e você vai molhar meu papel.

O que esta escrito em mim, comigo ficará guardado se lhe dá prazer.
Á vida segue sempre em frente, o que se há de fazer.
Só peço a você um favor, se poder.
Não esqueça num canto qualquer.

Toquinho

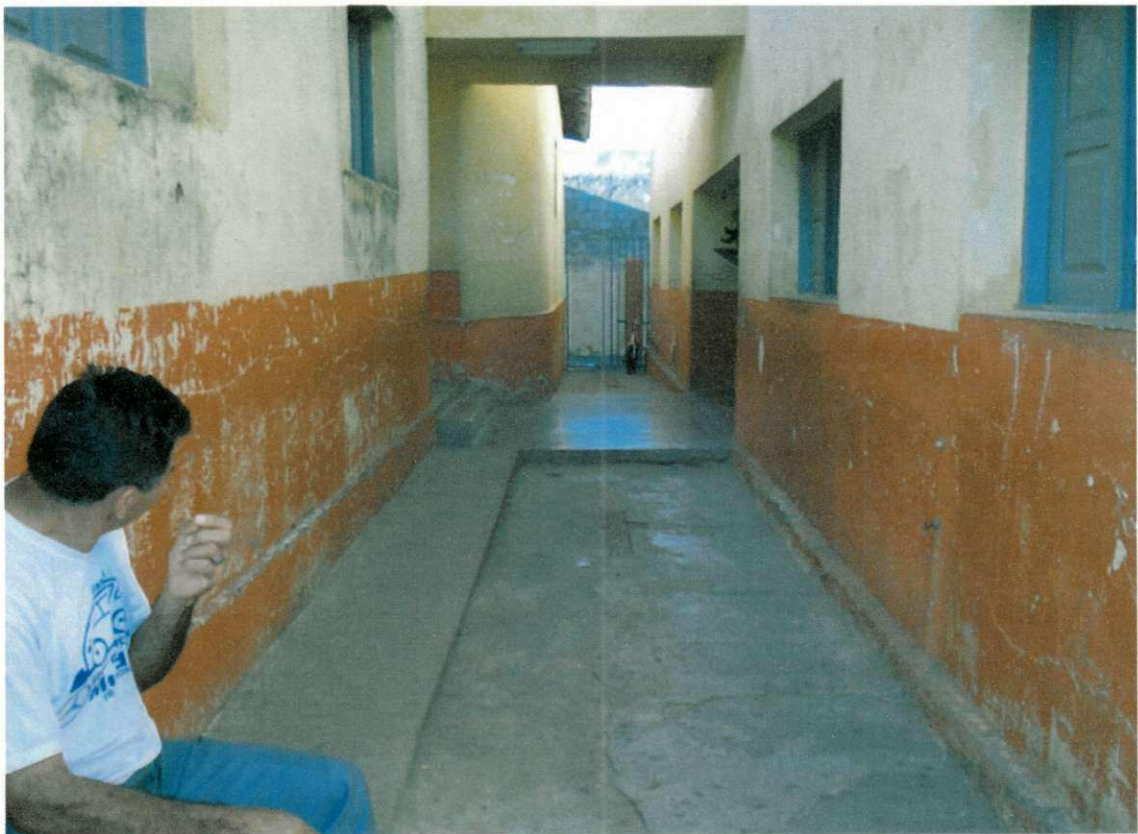


Intervenções realizadas pela estagiária (Cirlene) durante o Estágio Supervisionado na E. M. E. I. F. Vitória Bezerra.



Vista panorâmica da E. M. E. I. F. Vitória Bezerra.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



A E. M. E. I. F. Vitória Bezerra antes da reforma.



A E. M. E. I. F. Vitória Bezerra depois da reforma.

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA